

**OS ADOLESCENTES E A LEITURA LITERÁRIA: RETRATOS DE UMA
PESQUISA REALIZADA NO ENSINO FUNDAMENTAL¹**

DANILO FERNANDES SAMPAIO DE SOUZA²

RESUMO: Este estudo tem por objetivo refletir sobre as práticas de leitura literária na escola. Trata-se da análise e discussão de dados produzidos a partir de questionários aplicados a três turmas de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual localizada na Região Metropolitana de Vitória (ES). A pesquisa evidenciou quais as relações tecidas com a leitura e literatura: as concepções, as práticas, o acesso, as motivações e as preferências literárias dos adolescentes, revelando que os livros mais lidos e preferidos dos estudantes são aqueles lançados pela indústria cultural. É necessário, portanto, criar condições para que adolescentes e jovens se aproximem um pouco mais da literatura, pois entendemos que nem a obra e nem o professor sozinhos conseguirão formar tais leitores isoladamente.

Palavras-chave: Leitura; Literatura; Formação de leitores.

**TEENAGERS AND LITERARY READING: PORTRAITS OF A RESEARCH
CONDUCTED IN ELEMENTARY SCHOOL**

ABSTRACT: This study aims to reflect on the practices of literary reading in school. This study aims to reflect on the practices of literary reading in school. This is the analysis and discussion of data produced from questionnaires applied to three 9th grade elementary school classes of a state public school located in the Metropolitan Region of Vitória (ES). The research highlighted which relationships are established with reading and literature: the conceptions, practices, access, motivations and literary preferences of adolescents, revealing that the most read and preferred books by the students are those launched by the cultural industry. It is necessary, therefore, to create conditions for adolescents and young people to get a little closer to literature, because we understand that neither the work nor the teacher by themselves will be able to form such readers isolatedly.

Keywords: Reading; Literature; Readers Formation.

Considerações iniciais

Os debates e pesquisas relacionadas à leitura na escola e à formação do leitor literário não é algo recente. Apesar das inúmeras investigações ocorridas nas últimas décadas, bem como a inserção de saberes interdisciplinares e de variadas áreas e campos do conhecimento

¹ O presente artigo é parte integrante da dissertação de mestrado intitulada *Literatura juvenil premiada: diálogos entre pesquisas acadêmicas, crítica especializada, escola e adolescentes leitores*, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

² Mestre em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: danilofssouza@hotmail.com

se somarem ao rol de estudos, a escola, instituição primeira quando citamos *leitura e literatura*, carece ainda de muitos avanços no que concerne à formação do leitor.

As pesquisadoras Rösing e Zilberman (2016), no livro *Leitura: história e ensino*, afirmam que o avanço tecnológico trouxe uma especulação muito grande sobre o fim do livro e, conseqüentemente, sobre a morte da leitura. Salientam, ainda, que desde os anos 1980 “crise da leitura” era termo corrente no que se referia à escola e ao ensino de literatura. Para as autoras:

Talvez ele seja alarmista, talvez mereça um reposicionamento; de todo modo, cabe repensar o que queremos dizer, e sobretudo o que podemos fazer, quando falamos de “leitura”, de sua “crise” e das alternativas de sua prática (RÖSING; ZILBERMAN, 2016, p. 8).

Na tentativa de melhorar as práticas de leitura na escola, congressos Brasil afora exploram cada vez mais temáticas relacionadas à formação do leitor, no intuito de ampliar os debates e sugerir meios de incentivar adolescentes e jovens a desenvolverem o gosto e se conscientizarem da importância da leitura, sobretudo a literária. Assim, conhecer o perfil dos adolescentes, bem como as concepções e práticas que eles possuem em relação à leitura e à literatura é importante para o trabalho que visa à formação de leitores. Nesse sentido, o presente artigo é um recorte de uma pesquisa realizada no mestrado em Educação, na linha de pesquisa “Educação e Linguagens” da Universidade Federal do Espírito Santo que almejou conhecer as impressões e diálogos que adolescentes estabelecem com obras juvenis premiadas por instituições especializadas.

Com o objetivo de refletir sobre as práticas de leitura literária na escola, os dados a seguir foram produzidos a partir de questionários aplicados a três turmas de 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública estadual localizada na Região Metropolitana de Vitória (ES)³. Escolhemos trabalhar com o questionário pois, segundo Moreira & Calefe (2008), esse instrumento permite o uso eficiente do tempo, anonimato dos respondentes, possibilidade de uma alta taxa de retorno e a confecção de perguntas padronizadas.

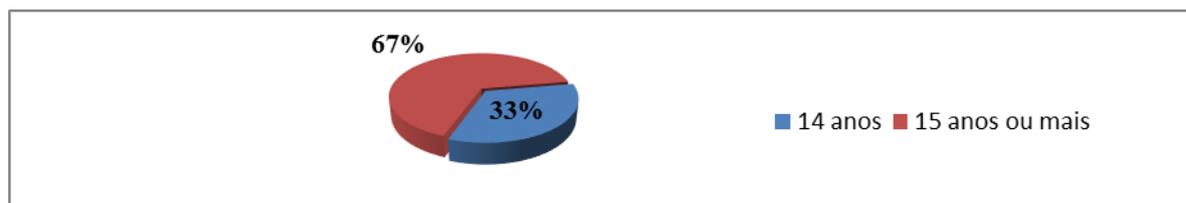
Cenário da pesquisa e perfil dos sujeitos investigados

³ O nome da escola e o município de realização da pesquisa serão resguardados, consoante orientações dadas pelo Comitê de Ética na Pesquisa.

A escolha de dada escola se deu pelo fato de o pesquisador pertencer ao corpo docente, conhecendo, assim, o campo de atuação da pesquisa. A instituição, localizada na zona urbana, possuía, em 2018, 830 alunos matriculados, sendo 300 nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental (matutino), 440 nas Séries Finais do Ensino Fundamental (vespertino) e 90 no Ensino Médio – Educação de Jovens e Adultos (noturno). Preferimos, como recorte, o último ano do ensino fundamental, por entendermos que os alunos pertencentes a essa etapa de ensino já trazem consigo, em tese, alguma bagagem de leitura literária das séries anteriores, uma vez que a escola realiza projetos de leitura desenvolvidos pelos professores de Língua Portuguesa.

Ao todo, dos 86 alunos matriculados e frequentes nas três turmas de 9º ano da escola, 84 alunos responderam ao questionário disponível em uma plataforma online, 45 estudantes pertencentes ao gênero feminino e 39 ao gênero masculino. A idade desses alunos, representada no gráfico abaixo, mostra que uma pequena parte deles (33%) está dentro da faixa etária recomendada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9.394/1996 para concluir o Ensino Fundamental. 56 estudantes entrevistados, o que equivale a 67%, estão fora dessa faixa etária. Supomos que esse fato pode ter ocorrido, entre outros fatores, por reprovação em séries escolares anteriores, evasão ou atraso para iniciar a vida escolar.

Gráfico 1 – Idade dos sujeitos da pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor

Análise e discussão dos resultados obtidos

Já de posse dos dados produzidos, pudemos inferir quais as concepções os respondentes ao questionário têm em relação à leitura, como ela é trabalhada na escola, se existe motivação ou não para ler, quais razões impedem a leitura de textos literários, as temáticas e obras ficcionais receptivas ou não pelo aluno, bem como a consciência da existência ou não de projetos de leitura realizados pela escola, entre outras questões.

Nossa discussão, neste artigo, está pautada nas respostas desse questionário, na tentativa de examinar a relação dos adolescentes que participaram da pesquisa com a leitura e, principalmente, com a leitura literária. É óbvio que não queremos aqui ser positivistas, nem pretensiosos ao ponto de darmos respostas, mas acreditamos que diante dos dados obtidos é possível fazer inferências e interpretações.

Depois da organização dos dados, leituras, releituras, reflexões e interpretações das respostas obtidas, focados nos objetivos da pesquisa, adotamos como metodologia de análise de dados qualitativos a categorização, por entender que as categorias “nos ajudam a organizar, separar, unir, classificar e validar as respostas encontradas pelos nossos instrumentos de coleta de dados” (BARTELMÉBS, 2019, p. 03). Todavia, estamos cientes que a categorização somente não dará conta de responder às questões levantadas na pesquisa, é necessário fazer uma leitura para além dos dados obtidos. Ludke e André alertam (2001):

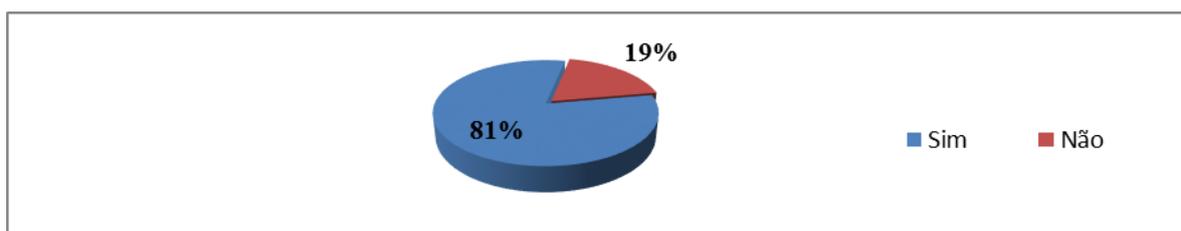
A categorização, por si mesma, não esgota a análise. É preciso que o pesquisador vá além, ultrapasse a mera descrição, buscando realmente acrescentar algo à discussão já existente sobre o assunto focalizado. Para isso ele terá que fazer um esforço de abstração, ultrapassando os dados, tentando estabelecer conexões e relações que possibilitem a proposição de novas explicações e interpretações (LUDKE; ANDRÉ, 2001, p.49).

Diante disso, no intuito de proporcionar uma melhor compreensão dos dados obtidos, elaboramos as seguintes categorias: práticas de leitura, motivações à leitura, concepções de leitura e preferências de leitura.

Práticas de leitura

Uma das perguntas que fizemos aos entrevistados está relacionada ao gosto da leitura, 68 estudantes (81%) responderam positivamente à questão e 16 estudantes (19%) responderam negativamente.

Gráfico 2 – Pergunta: Você gosta de ler?

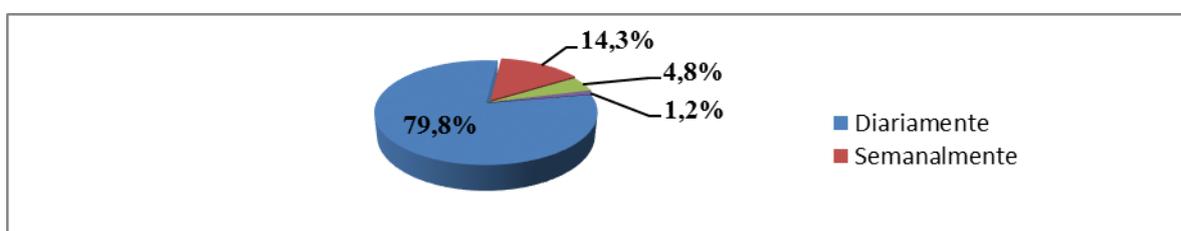


Fonte: elaborado pelo autor

É importante destacar que esta foi uma pergunta genérica, sem a intenção de especificar o tipo de leitura realizada, seja de textos informativos ou literários. Em se tratando Cadernos da Fucamp, v.19, n.41, p.31-50/202034

de adolescentes que, em tese, possuem muito contato com o ambiente virtual e tecnológico, supomos que o gosto da leitura expresso na questão anterior está muito mais relacionado à leitura nas redes sociais e no meio virtual do que ao gosto pelos textos literários ou/ ficcionais. Essa afirmação não constitui mera conjectura, mas está amparada em evidências produzidas por outras perguntas ao longo do questionário. Uma dessas evidências está justamente nas respostas obtidas por meio da questão que discorria sobre a frequência de leitura nas redes sociais.

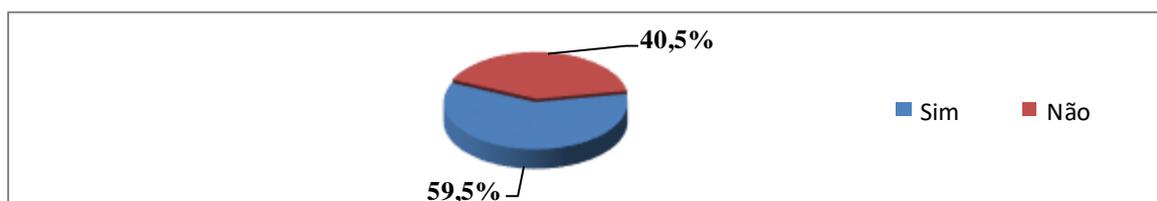
Gráfico 3 – Frequência da leitura nas redes sociais



Fonte: elaborado pelo autor

Outro indício de que o gosto da leitura se refere à realizada nas redes sociais está atrelada à queda significativa de respostas assertivas na questão que buscava conhecer o hábito da leitura de textos ficcionais de tais estudantes:

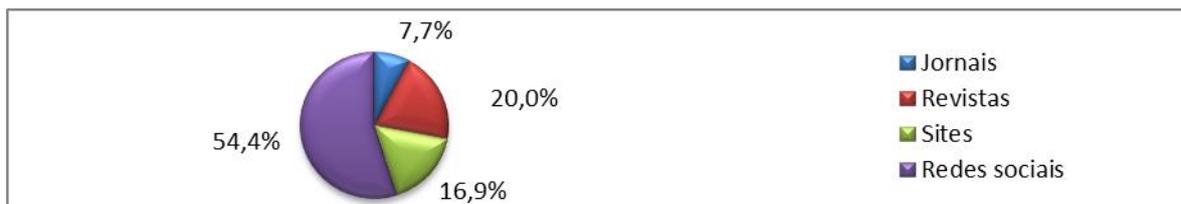
Gráfico 4 – Pergunta: Você tem o hábito de ler livros de ficção/literatura?



Fonte: elaborado pelo autor.

Percebe-se, com essa questão, que 34 estudantes (40,5%) não possuem o hábito de ler livros literários/ficcionais. Em nossa pesquisa, ao serem perguntados sobre as opções de leitura que pareciam interessantes, os alunos que disseram não ter o hábito de ler livros literários afirmaram preferir a leitura nas redes sociais:

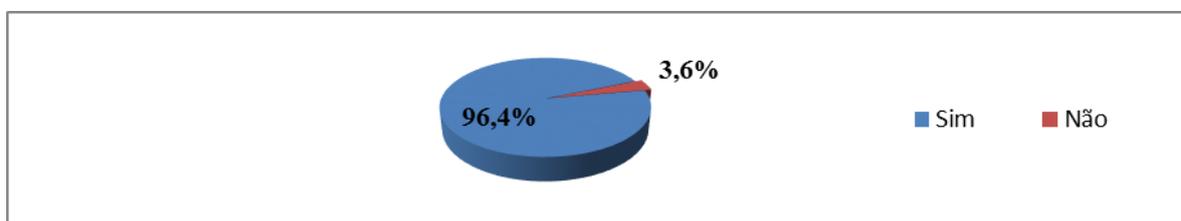
Gráfico 5 – Opção mais interessante para a leitura



Fonte: elaborado pelo autor

No entanto, ao serem questionados se a escola promovia projetos que incentivavam a leitura de textos literários, 96,4% dos entrevistados reconheceu a existência de tais atividades.

Gráfico 6 – Pergunta: Há projeto de leitura na sua escola?



Fonte: elaborado pelo autor

Apesar de quase todos os alunos (81 estudantes) reconhecerem os esforços da instituição escolar em promover atividades que incentivem a leitura em todas as etapas de ensino, tais projetos ainda têm se mostrado frágeis na tarefa de cativar os alunos. De igual modo, tal situação não é exclusividade da escola investigada, mas é percebida em outros contextos por meio das diferentes pesquisas realizadas nos últimos anos em todo território nacional.

A 4ª edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, divulgada em 2016, corrobora os dados expostos acima, ao mostrar que somente 56% da população brasileira são considerados leitores⁴. A pesquisa revela, ainda, que a média de leitura entre os brasileiros é de 4,64 livros lidos e que desses, apenas 1,91 são lidos integralmente (PRÓ-LIVRO, 2017).

Dados do Indicador Nacional de Alfabetização Funcional – INAF 2018 mostraram que apenas 32% dos jovens entre 15 e 24 anos dominam plenamente a leitura e a escrita (Site do Instituto Paulo Montenegro, 2019). Ainda que receba inúmeras críticas, principalmente, no que se refere ao critério de avaliação do programa, nos dados do último Programme for International Student Assessment - PISA, disponíveis no Portal G1, o Brasil ocupou a posição

⁴ A pesquisa considera leitor aquele que leu pelo menos um livro nos três últimos meses que antecederam à pesquisa.

59º em um ranking de 70 países no quesito leitura. 50,99% dos estudantes brasileiros ficaram no nível 2 de proficiência em uma escala que vai de 1 a 6.

Apesar das críticas que podem ser feitas a essas avaliações e pesquisas, é inevitável não atentarmos para os baixíssimos índices de leitura que os estudantes brasileiros vêm apresentando nas diferentes amostras, dados que nos alertam para o desafio emergente da escola brasileira: formar leitores.

Em relação à quantidade de livros literários lidos por ano, os estudantes em nossa pesquisa responderam:

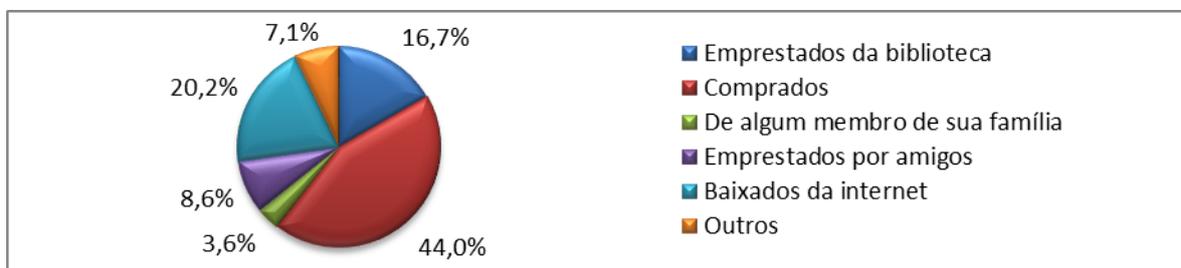
Gráfico 7 – Quantidade de livros literários lidos por ano



Fonte: elaborado pelo autor

Os dados do gráfico anterior revelam que a leitura de livros literários não é um hábito entre os alunos pesquisados, uma vez que mais da metade dos estudantes (54,8%) leem apenas de 1 a 3 livros por ano. Um fator que pode contribuir para o pouco hábito de leitura entre esses adolescentes está no acesso ao livro na escola. Ao serem questionados sobre a origem dos livros lidos, eles responderam:

Gráfico 8 – Acesso ao livro (Os livros que você lê são...)



Fonte: elaborado pelo autor

O gráfico acima nos traz algumas constatações interessantes. Primeiramente, o crescente aumento da leitura realizada em suporte tecnológico, uma vez que 20,2% dos

sujeitos responderam ler livros baixados da internet. O segundo ponto refere-se ao pouco acesso à biblioteca escolar, pois apenas 16,7% dos sujeitos afirmaram ler livros emprestados da biblioteca, sendo a aquisição (44% dos livros são comprados) o principal meio de acesso aos livros. Tal fato evidencia que há um imenso desafio a ser superado nas escolas e nas políticas públicas para o livro e a leitura: o fato de a biblioteca escolar não ser um meio de acesso aos livros e à leitura. Na escola em questão não existe uma biblioteca, apenas uma sala de livros. Não há uma organização e muito menos um funcionário responsável. Todo o trabalho de empréstimo (quando há) fica a cargo do professor.

Nesse sentido, podemos dizer que uma das dificuldades de se formar um leitor na escola pública está no acesso aos livros. Faltam bibliotecas públicas, livrarias e preços mais acessíveis à população em geral. A biblioteca escolar, há muitos anos, convive com várias dificuldades e problemas a serem superados. Entre eles estão a falta de iniciativa das escolas e do governo na implantação e suprimento de bibliotecas escolares, o pouco reconhecimento da biblioteca como disseminadora de leitura e a não valorização de bibliotecários formados no espaço escolar (MOLLO, 2007).

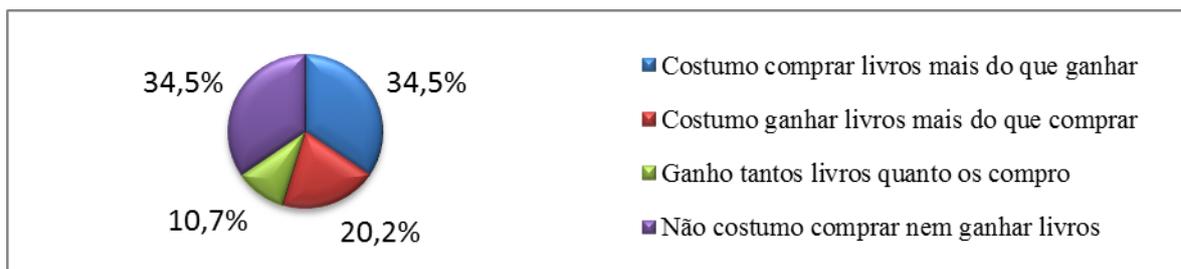
A biblioteca escolar precisaria ser um lugar fundamental na escola, uma vez que é nesse espaço em que há a grande aliada na formação de leitores, facilitando o acesso dos alunos aos livros. Todavia, conforme aponta Klebis (2008), a realidade encontrada em muitas escolas é a de livros encaixotados e empoeirados, à mercê da chuva, do vento e do sol, não chegando às mãos de quem deveria chegar: a dos professores e alunos. Para ele “o verdadeiro drama vivido pelas bibliotecas escolares de muitas escolas estaduais, em especial as das zonas mais carentes e periféricas, é o sucateamento” (KLEBIS, 2008, p. 41).

Nesse sentido, a biblioteca tem desempenhado efeito nulo, não contribuindo para a formação de leitores. Ainda segundo Klebis (2008):

Enquanto as bibliotecas escolares não dispõem de alguém que possa receber os alunos, ajudando-os a navegarem por entre suas estantes, tomando seus acervos acessíveis e circulantes, estimulando o convívio com a cultura de experimentação das várias possibilidades de leitura; enquanto continuarem trancadas, funcionando como depósitos, subutilizadas, decadentes, servindo apenas às traças, elas serão inúteis, assim como é inútil continuar a entulhá-las de livros sem antes se cuidar de modificar o quadro grotesco em que se encontram diversas bibliotecas implantadas nas escolas públicas brasileiras (KLEBIS, 2008, p. 42-43).

Outro ponto que merece atenção está relacionado à prática de compra e ganho de livro pelos adolescentes. Ao serem questionados sobre o consumo de livros, os respondentes disseram:

Gráfico 9 – Prática de compra e ganho de livros



Fonte: elaborado pelo autor

O gráfico anterior nos dá pistas do pouco hábito entre os entrevistados de enxergarem o livro como um objeto de interesse, um item que pode ser um presente. 34,5% dos estudantes responderam não possuir o hábito de comprar nem ganhar livro. Esse mesmo percentual admitiu comprar mais livros do que ganhar, fato que demonstra certa autonomia na compra de livros.

A análise do gráfico nos dá indícios de que não há, no imaginário dos jovens pesquisados, a grande possibilidade de o objeto livro ser um presente, como outros bens de consumo, a exemplo do celular, roupas, acessórios, videogames, entre outros. É possível inferir que tal comportamento está relacionado às concepções de leitura dos entrevistados, como veremos a seguir.

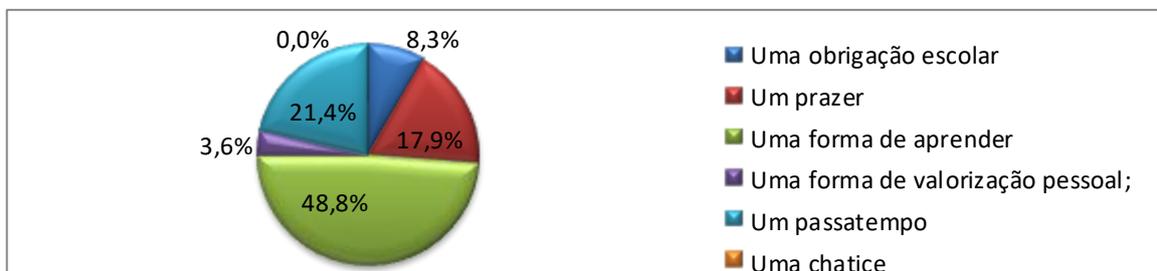
Concepções de leitura

O autor Moacyr Scliar, no texto *O valor simbólico da leitura*, chama nossa atenção para o fato de que, na atualidade, a leitura tem duplo aspecto. O primeiro está relacionado à utilidade, já que lemos para nos mantermos informados e para sabermos das coisas. Já o segundo, refere-se ao aspecto simbólico, que se deriva, em parte, do utilitário, pois “Lendo, adquirimos saber; ora, saber é poder, e essa verdade se afirma no dia a dia, no tipo de sociedade em que vivemos, uma sociedade em que a informação é decisiva” (SCLIAR, 2010, p. 38). O autor ainda aponta, acionando o conceito de *prazer do texto*, de Roland Barthes, que a leitura também é uma fonte de prazer:

Leitura informa, leitura emociona, leitura é coisa prazerosa. Há um aspecto lúdico no ato de escrever, na escolha das palavras que construirão o nosso relato; e esse prazer de uma forma ou de outra chega ao leitor (SCLIAR, 2011, p. 40).

Esses aspectos relacionados por Scliar (2011) também foram abordados na questão que objetivava saber o que é a leitura para os entrevistados:

Gráfico 10 – O que é a leitura para você?



Fonte: elaborado pelo autor.

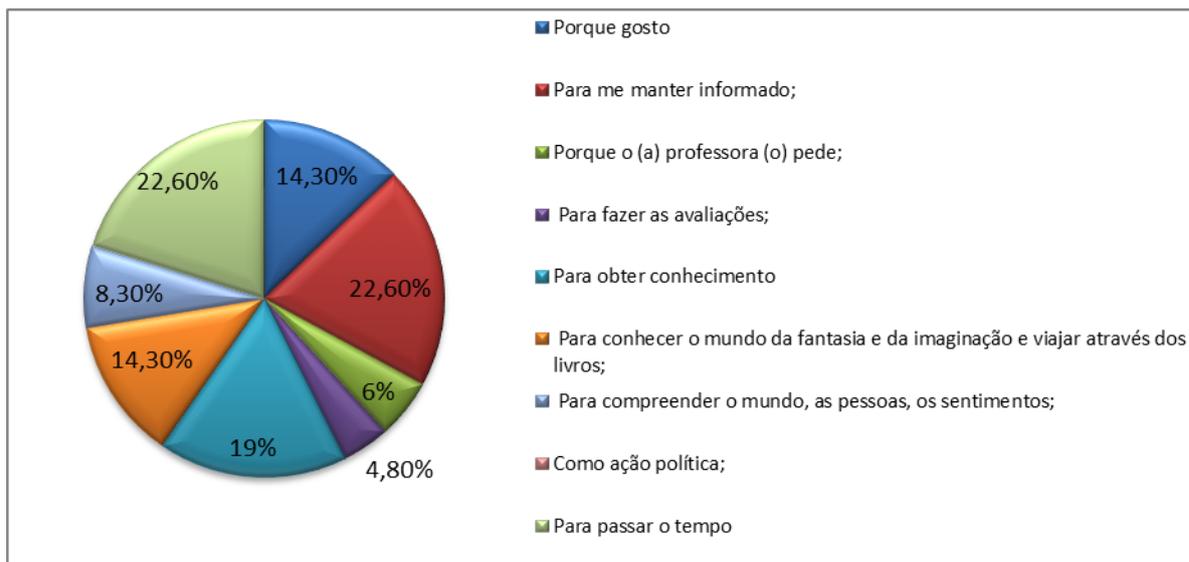
Nas respostas, 48,8% disseram que a leitura é “uma forma de aprender”. Ao considerarem essa opção, é possível depreender que tais adolescentes já se apropriaram do discurso enraizado nas sociedades letradas do valor e importância do conhecimento e do saber, ou seja, o aspecto utilitário da leitura. Ganham destaque, também, respostas relacionadas ao aspecto lúdico da leitura, lembrados por Scliar: 21,4% responderam que “a leitura é um passatempo” e 17,9% “um prazer”.

Motivações à leitura

Em pergunta semelhante à anterior, questionamos aos estudantes quais eram as motivações que os levavam à leitura:

Gráfico 11 – Motivações à leitura⁵

⁵ Nesta questão, os adolescentes podiam marcar mais do que uma alternativa.
Cadernos da Fucamp, v.19, n.41, p.31-50/202040



Fonte: elaborado pelo autor

Percebe-se que, ao serem questionados sobre o motivo da leitura, os sujeitos da pesquisa, em sua maioria, disseram ler por motivos pragmáticos, pois se juntarmos as alternativas “para manter informado” (22,6%), “para obter conhecimento” (19%) “Porque o professor pede” (6%), “para fazer as avaliações” (4,8%), teremos 52,4% das respostas. Não podemos desconsiderar que tais hábitos de leitura estão comumente associados à prática escolar e por vezes condenada por muitos discursos pedagógicos que entendem a leitura, sobretudo a literária, somente como “prazerosa”, “lúdica” e “sem objetivos pedagógicos evidentes”, no entanto, defendemos, assim como orienta Dalvi (2013), que

É necessário instituir a experiência ou vivência de leitura literária, bem como a constituição de sujeitos leitores, como fundamentais ou inerentes (também) ao ensino de literatura (algo que, de nossa perspectiva, não poderia acontecer em separado dessas experiências, vivências e constituições subjetivas) (DALVI, 2013, p. 68).

Para a autora, é necessário entender que ler literatura deve ser algo a ser ensinado, experienciado e vivenciado. Outro aspecto que merece destaque, também explorado por Dalvi (2013), diz respeito à “adoção acrítica do discurso do ‘ler por prazer’ que privilegia uma função hedonista para a literatura” (DALVI, 2013, p. 74). A adoção desse entendimento, segundo a pesquisadora, traz as seguintes consequências:

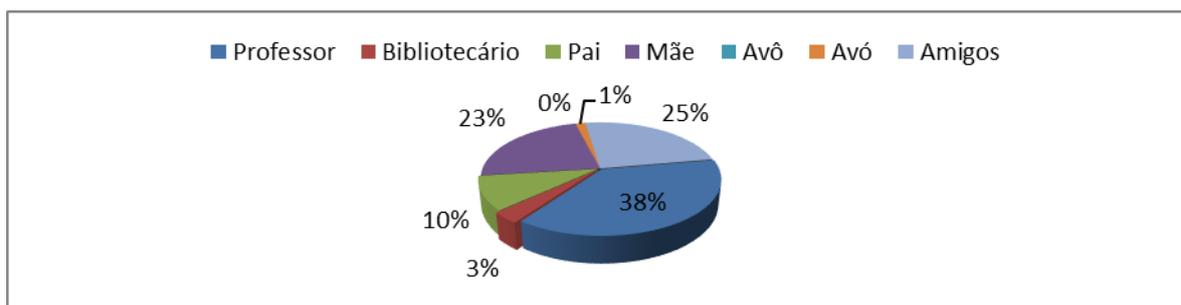
- a) O entendimento de que é “errado” que a literatura seja tratada como conteúdo que necessita ser aprendido-ensinado e, portanto, continuamente pensado, problematizado, polemizado, discutido, avaliado;
- b) O falseamento ou mascaramento do papel social, ideológico, histórico, político e cultural da literatura, em seus circuitos, tensões e sistemas (DALVI, 2013, p. 74).

Logo, é importante que o estudante seja incentivado a ler literatura, não somente para passar o tempo ou se aventurar no universo da “fantasia”, “imaginação” ou “ilusão”. É necessário entender que leitura de literatura na escola é também ação política (fato não evidenciado nas respostas dos estudantes), e, sobretudo, ação de resistência aos discursos cada vez mais falaciosos e enganadores. Portanto, é urgente romper com a visão amplamente divulgada de que literatura:

[...] É algo para gente “genial” (que consegue compreender aquilo que é incompreensível para a maioria), “ociosa” (que tem tempo de ficar discutindo o “sexo dos anjos”) ou “viajante” (que fica delirando/inventando/imaginando coisas onde não há nada para ser visto/percebido) (DALVI, 2013, p. 75).

Ao perguntarmos aos alunos quem mais os influenciava a ler, 38% disseram que o professor é o grande incentivador. Em segundo lugar, os alunos destacaram os amigos (25%) e em terceiro, a mãe (23%).

Gráfico 12 – Pergunta: Quem mais o influencia a ler?



Fonte: elaborado pelo autor

É possível destacar, a partir desses dados, algumas proposições. Uma delas é a inegável importância da escola no processo de incentivo à leitura. É por meio dela que a maioria das crianças e jovens mantém seu primeiro contato com livros, é função dela promover a leitura:

[...] parece-nos que a escola ainda é a instituição sobre cujos ombros está a grande responsabilidade de aproximar mesmo (e principalmente) quando as demais possibilidades fracassam, as pessoas dos livros, especialmente aqueles identificados como literários – cujo conhecimento íntimo e intransferível, pelo processo de construção/invenção de leituras, contribui indubitavelmente, assim como as demais experiências de vida, para o processo de humanização (DALVI, 2012, p. 36).

Por outro lado, verificamos o pouco incentivo dado pelos pais. Se agregarmos as alternativas que indicavam a família como principal promotora da leitura não obteremos 35% das respostas. Essa situação evidencia o fato de que não há, em nossa sociedade, uma cultura que valorize o livro e a leitura, ela não está no rol das prioridades da família brasileira.

Quanto a isso, em entrevista dada à revista *Língua Portuguesa*, o autor de livros juvenis Pedro Bandeira fez uma importante colocação a respeito do lugar ocupado pelo livro nas famílias brasileiras:

O Brasil talvez seja o único país do mundo em que, se o livro não for recomendado por um professor, o papai, a mamãe ou o padrinho, não o compram para suas crianças. Ainda temos uma cultura ruim, em que os pais não hesitam em comprar um tênis de grife para o seu filho, de R\$ 1 mil, mas chamam quando a professora manda comprar um livro de R\$ 20. Eles dizem que "não gostam de gastar dinheiro com besteira". Os pais de classe média ainda acham mais importante investir no pé do que na cabeça do filho (REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA, 2011, p.13).

Afirmações como a do autor revelam o quão necessário é a mudança de hábitos na cultura brasileira que, dominada pelo capitalismo e consumismo, veem a leitura como uma atividade somente para aqueles que não possuem ocupações e dispõem de tempo extra na rotina. A leitura é considerada como elemento supérfluo, não é essencial.

Preferências de leitura

Outra resposta que nos pareceu relevante diz respeito aos temas de livros que mais agradavam aos entrevistados.

Tabela 1 – Preferências de leitura

O que te interessa ler hoje, em relação à literatura/textos ficcionais?		
TEMAS	Número absoluto	Porcentagem (%)
1. Romance com personagens sobrenaturais e magia (monstros, vampiros, alienígenas, fantasmas, zumbis, deuses, lobisomens, magos, seres dotados de poderes);	21	25%
2. Ficção científica;	15	17,9%
3. Romance de amor;	7	8,3%
4. Romance com suspense;	6	7,1%
5. Romance de aventura;	5	6%
6. Romance com comédia;	4	4,8%
7. Romance baseado em fatos reais;	4	4,8%
8. Romance sobre um psicopata;	3	3,6%
9. Romance sobre assassinos;	3	3,6%
10. Romance com terror;	2	2,4%
11. Romance com cenas eróticas;	2	2,4%
12. Esporte;	2	2,4%
13. Romance policial;	1	1,2%
14. Romance com fatos trágicos;	1	1,2%
15. História bíblica;	1	1,2%
16. Romance sobre experiências (memórias);	-	-
17. Outros	7	8,3%

Fonte: elaborado pelo autor

Após a análise, ficou evidente que nem sempre uma temática agradava da mesma forma aos alunos pelo fato de que cada ser humano apresenta características, particularidades e interesses diferentes. Nenhuma temática conseguiu atingir mais de 25% das preferências. Dito isto, percebemos que os alunos do 9º ano se interessaram um pouco mais por temáticas relacionadas ao realismo Maravilhoso e Fantástico.

A preferência de 25% dos estudantes por livros que trazem em seu enredo personagens sobrenaturais (monstros, vampiros, alienígenas, fantasmas, zumbis, deuses, lobisomens, magos, seres dotados de poderes) pode estar atrelada ao fato de que vários livros lançados nos últimos anos (*Harry Potter*, *Crepúsculo*, *Jogos Vorazes*, *Percy Jackson*, etc.) giram em torno desses temas e possuem ingredientes típicos da literatura de massa (enredos movimentados, linguagem de fácil entendimento, entre outros) além de contar com exposições da mídia por Cadernos da Fucamp, v.19, n.41, p.31-50/202044

meio de filmes baseados nos livros que arrastam multidões aos cinemas de todo o mundo. Sobre esses aspectos, concordamos com Ceccantini (2016) ao afirmar que:

Os livros mais lidos hoje pelos jovens costumam estar associados a fenômenos culturais que não se limitam a um dado livro, mas envolvem adaptações e recriações as mais variadas, abarcando filmes, vídeos, peças teatrais, música, videogames, moda, HQ, TV, sites, espetáculos multimídia, aplicativos, enfim, uma grande diversidade de produtos que vinculam cultura e consumo e convidam permanentemente à múltipla fruição e ao trânsito entre linguagens e suportes, fundindo-se variadas modalidades. Frequentemente esses livros são traduções, em sua maioria produzidos pela indústria cultural de língua inglesa (norte-americana e britânica), difundidos em meio a economias globalizadas. Optar pela leitura de um livro “isolado” parece ser cada vez menos a regra para os títulos que fazem maior sucesso (CECCANTINI, 2016, p. 89).

A relação entre mercado cultural e o consumo de livros pelos jovens pode ser ainda mais endossada pelos dados que obtivemos quando perguntamos a nacionalidade dos escritores lidos:

Gráfico 13 – Escritores mais lidos



Fonte: elaborado pelo autor

O gráfico mostrou que 39% dos alunos leem livros de escritores estrangeiros e apenas 11% preferem escritores brasileiros. Ante a pergunta que pedia para os adolescentes citarem seus autores preferidos, estão três estrangeiros, John Green, Rick Riordan e Jojo Moyes e duas brasileiras, Paula Pimenta e Thalita Rebouças, como pode ser visto na tabela a seguir:

Tabela 2 – Escritores mais lidos

Fonte: elaborado pelo autor

Nome	Número absoluto	Porcentagem (%)
John Green	6	7%
Paula Pimenta	4	4,8%
Rick Riordan	4	4,8%
Jojo Moyes	2	2,4%
Thalita Rebouças	2	2,4%
Outros escritores	10	11,6%
Não Lembro	56	67%

Chama nossa atenção o baixo nível de memorização dos nomes dos autores lidos, uma vez que um considerável número dos entrevistados (67%) disse não se lembrar do autor lido. Essa resposta traz a lume, consoante Ceccantini (2016), “o conceito de ‘leitor pouco cultivado’, ou seja, aquele leitor pouco familiarizado com as convenções e protocolos do universo da leitura” (CECCANTINI, 2016, p. 92).

É pertinente observar, também, a completa ausência de autores brasileiros que têm se destacado na literatura Infantil e Juvenil nos últimos anos. Nomes como Lygia Bojunga Nunes, Ricardo Azevedo, Ana Maria Machado e Pedro Bandeira sequer foram citados pelos alunos. A pesquisa de Souza (2015) traz constatações semelhantes a que verificamos em nosso trabalho. A pesquisadora notou que autores legitimados pela crítica literária e pela universidade também não apareciam nos livros lidos pelos sujeitos de sua pesquisa:

Isso pode demonstrar tanto a ausência desses livros na sala de aula, ou seja, o professor não conhece e não indica, quanto no mercado, que prefere promover obras de lucro mais certo. O descompasso entre legitimação estética e sucesso de público é flagrante (SOUZA, 2015, p. 119).

Tal constatação também é comentada por João Luís Ceccantini em artigo *Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler*. Nele, o pesquisador analisa os dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada em 2016. Nessa pesquisa, autores brasileiros, a exemplo dos já citados, apesar de terem obtido reconhecidos prêmios e espaço na mídia, bons índices de vendas e obras adquiridas por meio de compras governamentais, não aparecem na lista de autores lidos. (nem da *pesquisa Retratos da leitura no Brasil*, nem na nossa). Ceccantini (2016) ainda questiona:

A pergunta que se faz é: por que esses textos não aparecem enfaticamente nas citações dos estudantes? A resposta não é simples e certamente exigiria uma pesquisa específica para explorar de maneira mais vertical as escolhas dos jovens em matéria de leitura, o que uma investigação de natureza horizontal como a *Retratos da Leitura no Brasil* não comporta. No entanto, não se pode deixar de apontar aqui algo que a pesquisa sugere, em algumas instâncias, e que profissionais ligados à formação direta de mediadores de leitura e à pesquisa sobre o assunto já têm apontado com alguma regularidade há algum tempo: existe uma defasagem entre os horizontes de leitura dos jovens e os dos professores, resguardando-se naturalmente as exceções de praxe. (CECCANTINI, 2016, p. 94).

Na lista dos livros que mais marcaram a vida do adolescente, os títulos mais citados foram *O diário de Anne Frank*, de Annelies Marie Frank (8 ocorrências), *Eu sou Malala*, de Malala Yousafzai (6 ocorrências), e a série *Diário de um banana* (5 ocorrências).

Tabela 3 – Livros que mais marcaram a vida dos entrevistados⁶

TÍTULO	AUTOR	NÚMERO ABSOLUTO
O diário de Anne Frank	Annelies Marie Frank	8
Eu sou Malala	Malala Yousafzai	6
Diário de um banana	Jeff Kinney	5
Princesa Adormecida	Paula Pimenta	3
Harry Potter	J. K. Rowling	3
A seleção	Kiera Cass	3
Percy Jackson e o ladrão de raios	Rick Riordan	3
Cinderela Pop	Paula Pimenta	2
O pequeno príncipe	Antoine Saint-Exupéry	2
A mala de Hana	Karen Levine	2
A marca de uma lágrima	Pedro Bandeira	2
Supernatural	Alex Irvine	2
Quem é você, Alasca?	John Green	2

Fonte: elaborado pelo autor

Fica evidente, por meio da tabela anterior, o vínculo que todas as obras mantêm com o universo dito juvenil e a indústria cultural. Os livros *O diário de Anne Frank*, *Harry Potter*, *Diário de um banana* e *Percy Jackson e o ladrão de raios* foram sucessos no mundo inteiro e objetos de adaptações para o cinema ou estiveram associados a outros objetos de consumo. Vale salientar que obras como *O diário de Anne Frank*, de Annelies Marie Frank e *Eu sou Malala*, de Malala Yousafzai, além de livros que frequentemente aparecem na mídia pela história comovente das autoras, foram *corpus* de um projeto de leitura realizado na escola pesquisada e, por isso, aparecem com maior frequência nas respostas dos estudantes.

Considerações Finais

Apostar na leitura literária como cerne no trabalho de formação de leitores em um país de escassa tradição letrada e intenso consumo dos meios de comunicação de massa se torna, por vezes, uma tarefa complexa e trabalhosa. Isso porque, de um lado, a ausência de recursos mínimos (a exemplo de livros e biblioteca na escola com profissional bibliotecário, afora as

⁶ Optamos por transcrever apenas os títulos que apareceram duas ou mais vezes.

próprias condições socioeconômicas de grande parte dos estudantes que, ainda muito jovens, têm que trabalhar formal ou informalmente para ajudar no sustento familiar); a falta de incentivo da família; e o pouco interesse por parte do adolescente na leitura são obstáculos no trabalho do professor. Do outro lado, a leitura concorre, ainda, com as tecnologias audiovisuais, redes sociais, bens de consumo e diversão que “fisgam” sobremaneira o adolescente, recebendo quase toda a sua atenção. Não obstante, a escola brasileira, em geral, a se considerarem os dados objetivos disponíveis e já mencionados ao longo deste artigo, não consegue, muitas vezes, sequer transmitir e ensinar a ler os autores brasileiros, principalmente da literatura juvenil, uma vez que pouco a conhece. Logo, a tão falada crise da leitura é, também, a crise da própria escola (SARLO, 2005).

Evidentemente, apesar dos dados obtidos em nossa pesquisa, acreditamos que não se trata de má vontade ou indiferença dos profissionais da educação ou da instituição escolar de modo geral: a estrutura social extremamente desigual (inclusive no que diz respeito ao tempo livre necessário à leitura); a falta de acesso aos bens mínimos necessários para um percurso de escolarização de qualidade; a baixa remuneração e a ausência de políticas de formação continuada para os professores; a quase inexistência de bibliotecas atualizadas, bem equipadas e com profissionais especializados – enfim, tudo isso é que conjuntamente desenha este quadro, que acaba reforçando a ideia de que a escola não consegue fazer um bom trabalho na formação de leitores literários. Ou seja, a responsabilidade por essa propalada “crise da leitura” (que rebate na ideia de “crise da escola”) é coletiva e de toda a estrutura social, não apenas escolar.

Dessa maneira, ao expormos os dados da pesquisa de campo realizada por meio de questionários, encontramos pela voz do adolescente quais as relações tecidas com a leitura e literatura: as concepções, as práticas, o acesso, as motivações e as preferências literárias. Pudemos inferir, assim como Souza (2015), que os livros mais lidos e preferidos dos estudantes são aqueles lançados pela indústria cultural (o que talvez indicie, mais uma vez, que a instituição escolar não tem tido a mesma importância social que as instâncias organizadas pelo mercado e, conseqüentemente, orientada antes ao lucro que à formação humana plena).

Apesar do evidente descompasso e dificuldades nas relações entre jovens, escola e leitura, acreditamos que é possível formar bons leitores de literatura na escola pública, desde que o adolescente em processo de escolarização possa contar com um mediador (no caso, o professor e, eventualmente, o bibliotecário) mais experiente e que o apresente a obras

SOUZA, D. F. S.

literárias de qualidade. De igual modo, é essencial que as condições que hoje impedem adolescentes e jovens de se aproximarem um pouco mais da literatura sejam superadas, pois reiteramos que nem a obra e nem o professor sozinhos conseguirão formar tais leitores isoladamente.

Referências

BARTELMEBS, Roberta Chiesa. **Metodologia de Estudos e Pesquisas em Educação III**. Disponível em: http://www.sabercom.furg.br/bitstream/1/1453/1/Texto_analise.pdf. Acesso em 20 de fev. de 2019.

CECCANTINI, João Luís Tapias. Mentira que parece verdade: os jovens não leem e não gostam de ler. *In*: FAILLA, Zoara (org). **Retratos da leitura no Brasil 4**. Rio de Janeiro: Sextane, 2016.

CHARTIER, Anne-Marie. Como fazer os jovens lerem? Olhar francês de incentivos à leitura. *In*: ROSING, Tania; ZILBERMAN, Regina (orgs). **Leitura: história e ensino**. Porto Alegre, RS: Edelbra, 2016.

DALVI, Maria Amélia. Ensino de Literatura: algumas contribuições. *In*: UYENO, Elzira; PUZZO, Mirian; RENDA, Vera (Org.). **Linguística aplicada, Linguística e Literatura: intersecções profícuas**. Campinas: Pontes, 2012, p. 15-42.

DALVI, Maria Amélia. Literatura na escola: propostas didático-metodológicas. *In*: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; JOVER –FALEIROS, Rita (orgs). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Instituto Paulo Montenegro**. Disponível em: <https://www.ipm.org.br/relatorios>. Acesso em 20 de fev. de 2019.

KLEBIS, Carlos Eduardo de Oliveira. Leitura na escola: problemas e tentativas de solução *In*: SILVA, Ezequiel Theodoro da. (org). **Leitura na escola**. São Paulo/ Campinas: Global/ALB, 2008.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2001.

MOLLO, Gláucia Maria. **X seminário sobre “biblioteca”**. Disponível em: http://www.alb.com.br/cole06/semin/002_biblioteca.asp. Acesso em 02 de fev. de 2019.

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

PRÓ – LIVRO. **Instituto Pró-Livro**. Disponível em <http://prolivro.org.br/home/index.php/atuacao/25-projetos/pesquisas/3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil-48>. Acesso em 25 de jul. de 2017.

PORTAL G1. **Portal G1**. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-ciencias-leitura-e-matematica.ghtml>. Acesso em 20 de fev. de 2019.

REVISTA LÍNGUA PORTUGUESA. **Revista Língua Portuguesa**. Editora Segmento, maio de 2011.

SARLO, Beatriz. **Tempo presente**: notas sobre a mudança de uma cultura. Tradução de Luís Carlos Cabral. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 2005.

SCLIAR, Moacyr. O valor simbólico da leitura. *In*. AMORIM, Galetto (org). **Retratos da leitura no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

SOUZA, Raquel Cristina Souza e; **A ficção juvenil brasileira em busca de identidade: A formação do campo e do leitor**. Tese de doutorado, UFRJ: 2015.